

metade

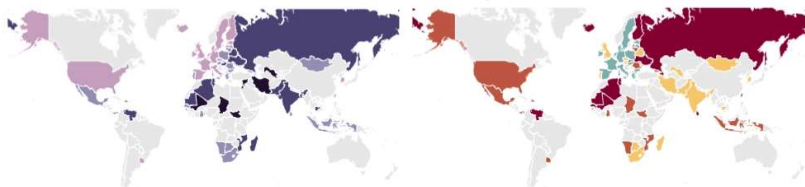
Metade da população mundial irá às urnas em 2024

Tipo de governo/regime

- Autocracia
- Autocracia eleitoral
- Democracia eleitoral
- Democracia liberal

Tipo de eleição

- Executivo
- Coral
- Legislativo
- Parlamento Europeu



Metade da população global vai às urnas em ano de democracia à prova

Autoritarismo, guerras e pressões externas compõem cenário de pleitos cruciais pelo mundo

Guilherme Botacini

BOA VISTA O ano de 2024 terá cerca de metade da população do planeta votando em nível nacional ou regional, mas o mundo está longe de experimentar uma festa da democracia. O cenário global convive com a sombra do autoritarismo, mesmo em territórios democráticos, e com guerras ditando o debate público. São 39 pleitos com data marcada, entre eleições para a Presidência, Legislativo e o Parlamento da União Europeia — esta leva às urnas a população de sete 27 Estados membros. Além disso, outras 37 eleições estão previstas para o ano, ainda sem data confirmada.

Dos dez países mais populosos do mundo, só China, Índia e Brasil não terão pleitos federais neste ano.

Em alguns casos, como Rússia e Bangladesh, a disputa é amplamente considerada de fachada ou boicotada por rivais do governo, em outros, como na Índia e no Paquistão, a oposição é censurada e o controle institucional sobre os meios de comunicação; há ainda pleitos postergados ou sem data definida em países sob ditaduras, como Venezuela e Mali.

Taiwan foi a primeira eleição a atrair os holofotes, e não por ameaças internas. No último dia 13, Lai Ching-te foi escolhido como o novo presidente da ilha que simboliza o estado de conflito latente entre China e Estados Unidos. O eleito, um defensor da independência de Taipei, é visto pelo regime chinês como "sério perigo" para a região — Pequim considera Taiwan uma província rebelde e parte indissociável de seu território. Do outro lado da contenda está a maior economia e terceira maior população do mundo, cuja eleição deste ano é incontestavelmente a mais importante do ano. Iniciadas as primárias, Donald Trump já mostra que deve ser o adversário de Joe Biden, em reedição do pleito de 2020. O cenário político, porém, ainda muito polarizado, é mais complexo do que naquele ano.

Ronda a campanha o fantasma da invasão do Congresso americano, em 2021. A tentativa da turba de apoiadores de Trump, insulada pelo republicano, de impedir a certificação da vitória de Biden deu mostras do quanto o empresário estaria disposto a subverter o processo eleitoral.

Depois do resultado em centenas de participações comendadas e se transformou em um dos quatro processos criminais pelos quais Trump responde e que colocam em

divida o exercício de um segundo mandato do republicano em caso de condenação e eventual vitória. Pesam ainda ações, a serem julgadas pela Suprema Corte, que tentam impedir o de concorrer com base em emenda controversa da Constituição.

A despeito dos processos, Trump continua popular, e a maioria das pesquisas sugere sua vitória em eventual confronto contra Biden em novembro. Mas como um líder que desdita as instituições não abertamente, a ponto de instigar apoiadores a romperem com a ordem democrática, segue com apoio suficiente para voltar ao poder?

Para Thomas Zickman de Barros, pesquisador da Universidade do Minho (Portugal), a precarização do trabalho, a dissolução das formas tradicionais da vida social, as transformações tecnológicas e uma economia cada vez mais internacional que tira poder dos governos de aplicar agendas sociais formam o caldo em que florescem líderes como Trump.

"Tudo isso cria uma sociedade de massas, cada vez mais individualizada, em que as pessoas estão precarizadas e carecem de vínculos de sociabilidade. A massa é um grupo que pode ser organizado por lideranças eventualmente autoritárias com promessas nem sempre verdadeiras ou factíveis", diz o pesquisador, um dos autores do livro "Do que falamos quando falamos de populismo".

A pesquisadora do Cebap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) e do Laut (Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo) Marina Shlessarenko afirma que "autoridades de extrema-direita conseguiram ser portavozes de um sofrimento social bastante real de pessoas em condições degradadas".

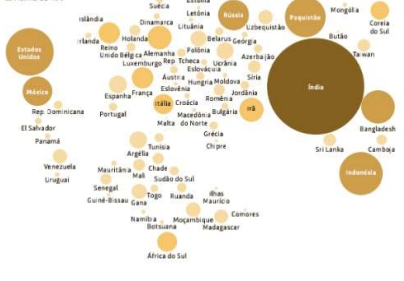
A avaliação encontra eco no crescimento de partidos da direita radical na Europa que se sustentam com discursos contra o sistema político e semelhantes aos de Trump em temas como migração.

Em análise sobre as eleições para o Parlamento da União Europeia, o think tank Conférence Européenne de Relations Exteriores prevê que o grupo Identidade e Democracia, composto por líderes da direita radical em geral, contraria a uma maior integração regional, será a maior força do Parlamento Europeu.

Estão nesse grupo siglas como a polonesa Prawo i Sprawiedliwość (Direito e Justiça), recentemente envolvida em polémicas com facções leste europeias e os ultradireitistas Reunido

Tamanho da população em milhões

- Abaixo de 50
- De 50 a 99
- De 100 a 499
- Acima de 499



Quantidade de eleições com datas confirmadas



Fontes: V-Dem Institute e C.A. World Factbook

Nacional, na França, e Partido da Liberdade, vencedor das eleições na Holanda no fim do ano passado. O resultado desse aumento de popularidade e ganho de espaço político da direita radical não desafia necessariamente a dissolução de blocos como a UE, mas normaliza temas caros a esse grupo.

“ Criou-se uma sociedade que pode ser organizada por lideranças eventualmente autoritárias, com promessas nem sempre verdadeiras **”**

Thomas Zickman de Barros pesquisador especializado em populismo

Zickman de Barros lembra da aprovação recente de duras leis de imigração na França com o apoio do ultradireita e de ministros do governo Macron admitindo a inconstitucionalidade de partes do texto.

A Índia, com seu 1,4 bilhão de habitantes, também vai às urnas este ano em um quadro autoritário crescente. Em dez anos de governo de Narendra Modi, o país experimenta crescimento econômico e redução da extrema pobreza, mas vê queda nos índices de liberdade de imprensa e o avanço do nacionalismo hindu do premiê de seu partido, que marginaliza minorias religiosas.

Nova Deli é vista como uma autocracia eleitoral pelo V-Dem, renomado instituto suco que classifica regimes a partir de índices que não levam em conta apenas a existência ou não de eleições. Uma autocracia eleitoral, segundo o instituto, vai às urnas, mas exibe níveis insuficientes de requisitos fundamentais para a democracia, como liber-

dade de expressão e de associação e pleitos justos.

Essa é a mesma classificação dada à Rússia, onde neste ano Vladimir Putin deve comemorar 25 anos à frente do Kremlin e estender seu controle por mais 6, em meio à Guerra da Ucrânia — o país vizinho, em teste, também tem pleito marcado para o ano, mas está sob lei marcial, que veda eleições.

A Rússia é a grande exportadora de tecnologias autoritárias e tem sido copiada em alguns lugares, como a Hungria, diz Shlessarenko, do Cebap. Moscou limita a ação de jornalistas e o financiamento de organizações da sociedade civil e persegue opositores.

Também simboliza pelo autoritarismo é a eleição em El Salvador, no próximo sábado (4). Popular e ex-polígrafo de política linha-dura na América Latina, Nayib Bukele neutralizou contrapontos e deve receber votação expressiva por um segundo mandato, apesar de veto constitucional à reeleição.

Eleições-chave em 2024

Janeiro

Taiwan
Pleito realizado no último dia 13 elegu Lai Ching-te, visto como sério perigo pela China por sua posição pró-independência da ilha, cuja soberania Pequim não aceita negociar

Fevereiro

El Salvador
Símbolo para a direita latino-americana, Nayib Bukele neutralizou contrapontos e busca reeleição, apesar de veto constitucional

Paquistão
Ex-premiê Imran Khan, baleado, acusado de corrupção e preso desde que deixou o cargo, ainda é o líder político mais popular

Indonésia
Três candidatos disputam para substituir o popular e reeleito presidente Joko Widodo no quarto país mais populoso do mundo

Março

Rússia
No poder desde 1999, Vladimir Putin deve garantir mais seis anos no Kremlin em meio à Guerra da Ucrânia

Novembro

Estados Unidos
Donald Trump deve reeditar duelo com Joe Biden em meio a processos criminais, polarização e crise de legitimidade política no país

Data a definir

Índia
Na maior democracia do mundo, o premiê Narendra Modi é o favorito para levar seu projeto de nacionalismo hindu ao 3º mandato; pleito deve ocorrer em abril e maio

Reino Unido
Pesquisas de opinião colocam à frente o Partido Trabalhista, que pode desbarcar os conservadores e voltar ao poder após 14 anos, premiê Rishi Sunak, que enfrenta baixa popularidade, deve convocar o pleito no segundo semestre

Venezuela
O ditador Nicolás Maduro afirma que haverá eleições, mas não define data e persegue opositores, os principais nomes do antichavismo, por ora, estão impedidos de concorrer porque o órgão eleitoral, dominado pelo regime, anulou suas candidaturas